

Boa Nova para cada dia / julho 2017

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

Tempo Comum – S. Tomé, Apóstolo / S. Bento / Santa Maria Madalena / S. Tiago, Apóstolo

Sáb, 1 – SEMANA XII DO TEMPO COMUM / 1º SÁBADO

Gen 18, 1-15 / Lc 1, 46-50.53.54 / Mt 8, 5-17

Tomou sobre si as nossas enfermidades e suportou as nossas doenças. (Evang.)

Jesus tomou sobre Si as nossas doenças e os nossos pecados. Fê-lo enquanto homem e enquanto Deus. Enquanto homem, porque acolheu os enfermos e os pecadores e morreu por todos na cruz. Enquanto Deus, porque curou os enfermos, ressuscitou pessoas já mortas e trouxe a salvação aos pecadores. Nós, à nossa medida infinitamente mais pequena, podemos (devemos) fazer o mesmo: tomar sobre nós as enfermidades dos outros e perdoá-los.

Dom, 2 – DOMINGO XIII DO TEMPO COMUM – Ano A

2 Reis 4, 8-11.14-16a / Slm 88 (89), 2-3.16-19 / Rom 6, 3-4.8-11 / Mt 10, 37-42

No Evangelho de hoje, Jesus repete, quase como num refrão, a expressão «*Não é digno de mim*» enquanto *desenha* o retrato daquele que é seu apóstolo. São palavras muito exigentes que o Senhor dirige àqueles que decidem fazer da sua vida um lugar de amor e querem viver anunciando com a vida que Jesus é o seu Salvador.

Depois de ter enviado os seus apóstolos em gratuidade e pobreza, *como cordeiros para o meio de lobos* confiando somente no

amor de Deus, mostra-nos agora que a *salvação* é maior do que qualquer afeto: podemos não amar Jesus, mas aquilo que não é possível é amá-lo, amando mais outras pessoas ou coisas. Seria um contrassenso, não seria o Deus que somos chamados a amar de todo o coração. *Não seria o Jesus Cristo que me amou primeiro, que por mim se fez homem e por mim morreu. Não seria o meu Senhor e a minha vida, seria uma mentira.* É por isso que o Senhor nos diz estas palavras que nos

podem parecer demasiado duras. Mas é humanamente possível amar mais a Deus do que ao pai ou à mãe? É possível amar mais a Deus do que ao filho ou à filha? Amar mais a Deus do que ao marido ou à esposa?

Estas palavras são muito fortes, mas não nos devem assustar: amar a Deus não entra em competição pelo amor dos filhos, dos pais ou do marido, mas é condição para que este seja autêntico. Deus, que é amor, sabe que o amor verdadeiro é a presença d'Ele na nossa vida. É Ele a condição para que amemos. Sem Ele, até podemos pensar que amamos, mas ficamos ao nível superficial do gostar ou de ter necessidade do outro para a minha felicidade.

O Amor manifesta-se quando colocamos em primeiro lugar o bem dos outros e não o nosso

e isso vê-se no modo como nos relacionamos. O Senhor, nesta passagem, chama-nos à atenção para a verdade do nosso amor. Não está a dizer que temos de O amar a Ele e desprezar ou odiar os outros, seria absurdo, mas diz-nos que é Ele a fonte do nosso amor, é Ele a origem do nosso amor. Por isso, ou não amamos a Deus e como consequência não amamos ninguém sobre a terra, tirando nós mesmos, ou amamos a Deus sobre todas as coisas e por isso amamos os nossos irmãos como Deus os ama.

Amar a Deus sobre todas as coisas é a condição essencial para amarmos verdadeiramente o nosso marido, a nossa esposa, o nosso pai, a nossa mãe, os nossos irmãos e irmãs, os nossos filhos e filhas e todas as outras pessoas que Deus coloca na nossa vida.

Seg, 3 – S. TOMÉ, APÓSTOLO (Festa)

Ef 2, 19-22 / Slm 116 (117), 1.2 / Jo 20, 24-29

A paz esteja convosco. (Evang.)

A paz de Deus não é a nossa paz. Nós temos este tipo de paz: «só quero é que me deixem em paz». A paz de Deus é compatível com o nosso nervoso miudinho, com o nosso cansaço, com as nossas maçadas. A paz de Deus é uma onda de fundo que vem da paz que o amor dá, o sentirmo-nos amados por Deus – e a força que isso dá – e o amarmos os outros e a nós mesmos. Peçamos a paz de Deus, aquela paz que nos dá uma tranquilidade de fundo, a tranquilidade de uma consciência limpa.

Ter, 4 – SANTA ISABEL DE PORTUGAL (Memória)

Gen 19, 15-29 / Slm 25 (26), 2-3.9-12 / Mt 8, 23-27

Salva-nos, Senhor, que estamos perdidos. (Evang.)

Muitas vezes, estamos perdidos, perdidos nas nossas alegrias, nas nossas tristezas, no nosso ramerrão. Estamos dentro da nossa concha, sem nenhuma ligação a Deus, embora com muitas orações, mas a ligação foi-se. Como com os apóstolos, tinham Jesus ali ao lado mas a fé era pouca, como Jesus lhes virá a dizer. Temos de ter um fiozinho que, por dentro das nossas orações, por dentro da nossa vida quotidiana nos ligue a Deus. O leitor peça essa ligação.

Qua, 5 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM

Gen 21, 5.8-20 / Slm 33 (34), 7-8.10-13 / Mt 8, 28-34

Pediram-Lhe que Se retirasse do seu território. (Evang.)

Que tivesse curado dois homens, tanto fazia. Afinal, eram dois possessos do demónio. Que valor é que eles tinham? Provavelmente, já não teriam ligação com ninguém, não deviam ter ninguém que gostasse deles, ninguém que os defendesse. Os porcos, sim, eram importantes. Claro que, na nossa vida de todos os dias, isto não acontece, mas é sempre bom vermos onde pomos os nossos valores. Se pomos outras coisas ou animais – animais! – à frente das pessoas. O leitor pense bem nisto.

Qui, 6 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM

Gen 22, 1-19 / Slm 114 (116), 1-6.8-9 / Mt 9, 1-8

O Senhor providenciará. (1ª Leit.)

Algumas vezes, parece que não providencia nada. Nessas alturas, é preciso esperar que o Senhor Se revele. Pode ser uma espera longa e dolorosa. Ajuda-nos se olharmos para as vidas de Cristo e de Nossa Senhora. Parece que o Pai não providenciou muito. Então quando Jesus nasceu e quando foi crucificado, parecia que o Pai não tinha providenciado mesmo nada. E, no entanto, ressuscitou. Devemos sempre ter fé que um acontecimento mau da nossa vida acaba por nos aproximar mais de Deus.

Sex, 7 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM / 1ª SEXTA-FEIRA

Gen 23, 1-4.19; 24, 1-8.62-67 / Slm 105 (106), 1-5 / Mt 9, 9-13

Não são os que têm saúde que precisam de médico. (Evang.)

Há aquelas pessoas que fazem como a avestruz, que não fazem exames médicos porque acham que assim não têm doenças. Há aquelas pessoas que não olham para si mesmas porque acham que assim não têm defeitos. Temos de pedir o dom de olhar para nós com realismo e a graça de mudar. O leitor, há quantos anos não muda nada em si? Quando é que fez uma melhoria consciente e saiu do ramerrão? Pense nisso.

Sáb, 8 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM

Gen 27, 1-5.15-29 / Slm 134 (135), 1-6 / Mt 9, 14-17

Louvai-O, (...) vós que estais no templo do Senhor. (Salmo)

No templo do Senhor há alguma coisa da nossa oração que deve ser independente do que lá se passa, um núcleo dentro de nós que deve ser só entre nós e Deus, embora estejamos lá para estar em comunhão com os nossos irmãos na fé. Mas o nosso louvor a Deus não pode depender dos nossos irmãos e do presidente da celebração. Senão, arriscamo-nos a classificar as missas de boas e más e a não construirmos aquele núcleo interior que, em qualquer missa, nos liga a Deus. O leitor medite sobre isto.

Dom, 9 – DOMINGO XIV DO TEMPO COMUM – Ano A

Zac 9, 9-10 / Slm 144 (145), 1-2.8-11.13cd-14 / Rom 8, 9. 11-13 / Mt 11, 25-30

«*Vinde a mim, todos os que andais cansados e oprimidos*», diz o Senhor. Vinde a mim! Jesus convidava-nos hoje a irmos a Ele, a repousarmos n'Ele. Convida-nos a segui-Lo onde quer que Ele vá. E todos somos convidados. Pobres e ricos, homens e mulheres, adultos e crianças, todos, até os

que estão mais longe do Senhor são convidados a participar no *banquete* que é o reino do Pai.

Todos os que estão *cansados e oprimidos* encontrarão no Senhor *repouso*. O repouso é a entrada na *terra prometida*, é a plenitude da criação, é a chegada a casa, onde podemos final-

mente ser o que somos, Filhos de Deus. O *repouso* de que nos fala hoje Jesus não é o mero descanso, mas é Deus o nosso repouso, é Deus a nossa casa, é em Deus que realizamos a nossa vida e a levamos a cumprimento. Por isso convida-nos a pegar no seu *jugo*. O *jugo* é aquilo que permite ao animal usar a sua força de uma maneira útil. Sim, parece-nos uma coisa pesada e desnecessária. Tal como muitas coisas na nossa vida: uma vida disciplinada é uma forma de canalizar as nossas energias de uma maneira mais produtiva. O *jugo* de Jesus é a *liberdade* do Pai que tudo dá aos seus filhos. O *jugo* de Jesus é o Amor ao Pai. É este amor que Lhe permite ser aquilo que é. Amando encontra o *repouso*; amando *está em casa*; amando *está no Pai*.

O Amor, o *jugo* de Jesus, faz de nós pessoas *mansas e humildes de coração*. O Amor não pesa, nem se faz pesado. A Lei do Amor não é um fardo pesado para carregar, mas é aquilo que nos permite libertar a nossa vida. É um peso que não pesa, um *jugo* que alivia e nos torna

mais ligeiros. A lei, sem o amor, é pesada e cansa-nos. Diz-nos S. João que *Deus é Amor* e hoje Jesus diz-nos que o amor, que é a vida divina, nos alivia, permite-nos uma vida mais leve, menos carregada.

Estas coisas estão escondidas aos que se consideram sábios aos olhos deste mundo. O privilégio de conhecer a Deus está reservado aos últimos, aos pequeninos, aos humildes que, reconhecendo-se pecadores, sabem que precisam de Deus e do seu amor. O dom do Amor de Deus está presente para quem o deseja e só o deseja quem d'Ele tem necessidade.

É a consciência de que andamos *cansados e oprimidos*, isto é, que sozinhos não podemos realizar aquilo que o Senhor quer para nós, e Ele quer que tenhamos uma vida abundante e feliz, que nos abre o coração à possibilidade de receber o Senhor, de receber o seu *jugo*. É a consciência de que precisamos d'Ele que nos abre a possibilidade de realizarmos aquilo que, no mais íntimo do nosso coração, gostaríamos de ser.

Seg, 10 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Gen 28, 10-22a / Slm 90 (91), 1-4.14-15ab / Mt 9, 18-26
Riram-se d'Ele. (Evang.)

Se não nos «ríssemos» do poder de Deus, talvez alcançássemos mais graças. Rirmo-nos é não acreditarmos. Não pedirmos. Não estarmos em contacto. Devemos pedir, mesmo que nos pareça impossível, ao mesmo tempo que estamos abertos à decepção. É a oração de Jesus no horto. Jesus sabia que o Pai O queria na cruz e pediu o impossível, estando aberto à decepção que foi a vontade do Pai. Mas, por outro lado, muitas vezes não alcançamos muitas coisas porque não as pedimos. O leitor já pediu para ser santo?

Ter, 11 – S. BENTO (Festa)

Prov 2, 1-9 / Slm 33 (34), 2-11 / Mt 19, 27-29

Nós deixámos tudo para Te seguir. Que recompensa teremos? (Evang.)

Normalmente, não nos pomos esta pergunta porque temos a vida cheia de pequeninas alegrias ou de pequeninas preocupações. Ou grandes alegrias ou grandes preocupações. Seja como for, temos sempre o perigo de não sentirmos necessidade de Cristo. A necessidade de Cristo vem da necessidade de enchimento interior. Essa necessidade vem do contacto com Cristo, que, quanto maior é, mais quer. O leitor peça esta graça.

Qua, 12 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Gen 41, 55-57; 42, 5-7a.17-24a / Slm 32 (33), 2-3.10-11.18-19 / Mt 10, 1-7

O Senhor frustrou os planos dos pagãos. (Salmo)

Deus, o Bem, frustra os planos do mal, embora não pareça, de tanto mal que há na terra e a que os meios de comunicação social tanto relevo dão. Ora, esses mesmos meios de comunicação social não mostram tanto e tanto bem que se faz na terra e que é obra de Deus, fazendo-nos acreditar que este mundo é regido pelo mal. Este mundo é regido por Deus e o mal esbraceja para sobreviver. O leitor veja: por um país em guerra, quantos países não há em paz? Hoje, o leitor reze um terço ou uma dezena pela paz.

Qui, 13 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Gen 44, 18-21.23-29; 45, 1-5 / Slm 104 (105), 16-21 / Mt 10, 7-15

... se não for digna, volte para vós a vossa paz. (Evang.)

Os judeus desejavam a paz e se alguém não era digno essa paz voltava sem «penetrar» na pessoa a quem era destinada. A paz era como que alguma coisa de material. Nós, ao sermos agredidos por alguém a quem desejamos bem (a quem desejamos paz), podemos ver o nosso bem (a nossa paz) voltar para nós e ficarmos pacificados em vez de irritados. É simultaneamente um treino e uma graça. Treinemo-nos e peçamos essa graça. (O treino é feito através do exame de consciência, por exemplo.)

Sex, 14 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Gen 46, 1-7.28-30 / Slm 36 (37), 3-4.18-19.27-28.39-40 / Mt 10, 16-23

Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas. (Evang.)

Devemos ser como o nosso Papa: simples mas não ingênuos, humildes mas não simplórios, mansos mas não palermas. A firmeza de pensamento é fundamental para a propagação da Mensagem, um pensamento que não se deixa cair nas armadilhas do politicamente correto. O politicamente correto é uma praga, exerce uma pressão imensa sobre as pessoas, através do grupo de amigos, muitas vezes através dos íntimos. Temos de afinar as nossas ideias com o Evangelho e com o magistério da Igreja, regularmente.

Sáb, 15 – S. BOAVENTURA (Memória)

Gen 49, 29-32; 50, 15-26a / Slm 104 (105), 1-4.6-7 / Mt 10, 24-33

Aquele que Me negar diante dos homens, também Eu o negarei. (Evang.)

Ou também podemos levar os outros a negar o Cristianismo. Quero dizer, podemos levar outros a negar o Cristianismo na medida em que, com as nossas afirmações, com as nossas atitudes, pomos a nu as ambiguidades, as ambivalências – sobretudo as ambiguidades e as ambivalências que, na família, nas nossas comunidades, vão contra a nossa consciência, mas nos evitam problemas com a comunidade ou a família. Peçamos a coragem de seguir a nossa consciência.

Dom, 16 – DOMINGO XV DO TEMPO COMUM – Ano A

Is 55, 10-11 / Slm 64 (65), 10-14 / Rom 8, 18-23 / Mt 13, 1-23

Neste domingo, o Senhor fala-nos através da parábola do semeador. Usando o exemplo de uma sementeira, mostra-nos o mistério da sua vida e o modo como se manifesta o reino de Deus e que, para O reconhecermos, precisamos de discernimento. Esta parábola ilumina-nos sobre o modo como Deus está na nossa realidade e dá-nos a certeza do desfecho: vitória do amor.

Muitas vezes, ficamos perplexos porque parece que o mal avança desenfreado e o bem parece quase desaparecido. No fundo, ainda sonhamos com um Messias triunfalista que condena o mal e imediatamente premeia o bem. Queremos um bem claro, sem confusão, evidente, mas o reino de Deus não é assim. Não é esta a lógica de Deus! O Senhor semeia com a mesma certeza do agricultor que deita à terra a semente do reino de Deus para que morra e, assim, dê fruto. É assim a vida de Cristo.

Os discípulos, tal como nós, perguntam-se porque é que o Senhor não fala mais claramente, porque é que usa parábolas. Ele responde de um

modo enigmático: «A vós é dado conhecer os mistérios do reino do Céu, mas a eles não lhes é dado». Surge-nos imediatamente a questão: «mas não disse o Senhor que quer que todos sejam salvos?». De facto, são muitas as passagens em que é sublinhada esta certeza: Deus quer que todos nós, os seus filhos, sejamos salvos. Como se pode compreender que agora diga estas palavras?

A certeza de que o Senhor não destinou alguns a não perceber a sua mensagem e à condenação e escolheu outros para perceberem e aderirem à salvação não pode ficar abalada. É uma certeza da fé. Vale a pena pensarmos sobre quem são estes «vós» e «eles»: «vós» são os discípulos, aqueles que estão com Ele e O seguem; «eles» são as pessoas que ficaram junto ao mar.

«Eles» são todos aqueles que não se aproximam de Jesus, não falam com Ele, não O escutam e, por isso, não podem entrar no mistério do Amor de Deus. Quando S. Mateus escreveu o seu Evangelho, a Igreja lutava com a dor de ver que tantos rejeitavam o Senhor e alguns

achavam que alguma coisa estava a correr mal. Na verdade, a Escritura previne que a *pedra rejeitada tornou-se pedra angular* e que, portanto, a rejeição não é alguma coisa de imprevisível e que nos deva surpreender.

«Eles», aqueles a quem a compreensão da palavra está vedada, são os que têm o coração endurecido e se colocam de fora, são os que não querem aderir e, porque se colocam de fora, não podem compreender. São livres de o fazer, mas aten-

ção: estes não estão condenados à partida; Deus nunca nos abandona! A todos é oferecida a semente da Palavra para que quem não compreende possa, pelo menos, compreender que não compreende e, assim, deixar-se questionar pela Palavra. As parábolas têm este efeito de aguçar a nossa curiosidade e de nos fazer questionar sobre o seu significado na nossa vida, mas só se compreendem com o coração, os olhos e os ouvidos abertos ao Senhor.

Seg, 17 – BB. INÁCIO DE AZEVEDO E CC. (Memória)

Ex 1, 8-14.22 / Slm 123 (124), 1-8 / Mt 10, 34 – 11, 1

Quem não toma a sua cruz para Me seguir, não é digno de Mim. (Evang.)

E o que é a cruz senão o amor? A cruz é o amor em toda a sua dor, em todo o seu sacrifício, em toda a sua angústia, em toda a sua doação. É o que nós temos de fazer. Irmos para a cruz? Com certeza que não. Mas doarmo-nos. Doarmo-nos hoje mais do que ontem, crescermos no amor e sabermos em quê. Por exemplo, fazermos o exame de consciência ou termos um programa com objetivos e controles. É assim que se progride. Hoje, o leitor reveja o seu exame de consciência.

Ter, 18 – BEATO BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES (Memória)

Ex 2, 1-15a / Slm 68 (69), 3.14.30-31.33-34 / Mt 11, 20-24

O Senhor (...) não despreza os cativos. (Salmo)

O leitor acha-se superior àquelas pessoas que matam outras? Acha-se superior às pessoas que maltratam crianças? Acha-se superior aos psicopatas presos? Aos que matam várias pessoas consecutivamente? E se fosse um filho seu, com toda a sociedade, todas as revistas que plantam ideias na cabeça das pessoas a

atirarem-lhe pedras? Diga antes que é diferente, que é de outra maneira, peça a graça de amar estas pessoas. E peça, também, a graça de não ser hipócrita.

Qua, 19 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Ex 3, 1-6.9-12 / Slm 102 (103), 1-4.6-7 / Mt 11, 25-27

Escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes. (Evang.)

Nosso Senhor não está a fazer a apologia da burrice. Está a condenar aqueles que se acham tão inteligentes que sabem muito bem o que é que Deus quer para os outros. E que sabem muito bem fazer a vontade de Deus. E que a sabem descobrir muito bem, sem ajudas. Está a condenar aqueles cuja inteligência e sabedoria estão viradas para o próprio umbigo, sob o nome de coisas de Deus. Hoje, peçamos o dom da humildade.

Qui, 20 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Ex 3, 13-20 / Slm 104 (105), 1.5.8-9.24-27 / Mt 11, 28-30

Tomai (...) o meu jugo (...) e encontrareis descanso para as vossas almas. (Evang.)

Jesus, ao dizer-nos que encontraremos descanso se tomarmos o seu jugo, deixa-nos perplexos, no mínimo. Mas se prestarmos atenção, vemos que Jesus está a falar da alma e não do corpo. Tomando a cruz (o jugo de Jesus) para seguirmos Jesus, da mesma maneira que Jesus seguiu o Pai, Se relacionou com Ele, encontraremos descanso para as nossas almas. Com sofrimento, mas também com a ressurreição, sustentados pela experiência da união com Deus. Meu caro leitor, hoje reze sobre isto. E sobre como aplicá-lo.

Sex, 21 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Ex 11, 10 – 12, 14 / Slm 115 (116), 12-13.15-16bc.17-18 / Mt 12, 1-8

Eu quero misericórdia e não sacrifício. (Evang.)

Tem aumentado muito o número de pessoas que faz peregrinações a pé. Mas se esse sacrifício – normalmente, exige algum sacrifício físico – não é acompanhado do «correspondente» aumento

de misericórdia na posterior vida do peregrino, aplica-se dramaticamente a citação de Jesus: «eu quero misericórdia e não sacrifício». O sacrifício que não nos torna melhores, torna-nos muito piores; torna-nos soberbos. Isto aplica-se à sua vida? Naturalmente que não só no que diz respeito a peregrinações...

Sáb, 22 – SANTA MARIA MADALENA (Festa)

Ex 12, 37-42 / Slm 135 (136), 1.23-24.10-15 / Mt 12, 14-21

E as nações colocarão a esperança no seu nome. (Evang.)

As nações porão a esperança no nome do salvador, do libertador. É uma frase bonita, mas é mais do que uma frase bonita: as nações JÁ põem a esperança no seu nome. As nações que o «conjunto de cada um de nós» constitui. Nós temos dentro de nós esta esperança no Messias. E é a esperança cristã, quer dizer, uma esperança que tem certeza, a esperança da fé e a esperança de uma realidade que nós estamos a construir. Não é uma esperança num salvador que há de vir. É a fé num salvador que está no meio de nós e de cuja salvação nós somos colaboradores.

Dom, 23 – DOMINGO XVI DO TEMPO COMUM – Ano A

Sab 12, 13.16-19 / Slm 85 (86), 5-6.9-10.15-16a / Rom 8, 26-27 / Mt 13, 24-43

Na sequência do Domingo precedente, o Senhor continua com mais três parábolas e, desta vez, na explicação, diz-nos que «a ceifa é o fim do mundo», isto é: a ceifa de que nos fala o Evangelho é o cumprimento de tudo. A palavra «fim» não nos deve assustar, mas fazer refletir: qual é a realização final da nossa vida? Isto é, qual é a meta, o ponto de chegada, o objetivo? São claras as palavras do Senhor: no fim brilharão como que dois fogos,

o fogo onde será queimado todo o joio, isto é, «*todos os que praticam a iniquidade*», e os justos que «*brilharão como o sol no reino do seu Pai*».

No mundo cresce a boa semente e a má semente. A primeira dará bom fruto, a outra joio. E porque é que não se corta imediatamente o mal pela raiz e se deixa o bem crescer mais livremente? Temos sempre tanta pressa e esta impede-nos de ver como Deus vê. O bem e o mal

não são assim tão distintos que nos seja possível distinguir um do outro facilmente. Para além disso, nunca existem no estado puro. Tanta coisa boa no meio do mal, e também há coisas más no coração de pessoas boas.

Gostaríamos que a comunidade cristã fosse perfeita, pura e sem defeitos, mas o Cristianismo não é uma seita de puros, mas uma comunidade de pecadores, filhos perdoados a caminho em direção ao Pai. Na história da Igreja não faltam desastres quando pretendemos erradicar o mal em vez de promovermos o bem; e quando cedemos à violência em nome do bem violamos a liberdade e promovemos o mal.

A ceifa é feita no fim, quando tudo estiver cumprido. Mais importante do que cortar o joio, é investirmos a nossa vida a semear o trigo: estes crescem juntos! É só no fim o triunfo do bem. Este é o tempo da sementeira, o tempo da paciência e do amor *que tudo alcançam*. Se no bem Deus Se revela como dom,

no mal, no pecado, Deus revela-Se como misericórdia, revela-Se como *per-dão*, como amor sem condições e sem limites.

Os que praticam o mal não são para ser derrotados, mas convidados a encontrar em Deus o Pai de Misericórdia que faz *chover sobre justos e injustos*. Deus permite que o joio cresça para que todos O possam conhecer como *Misericórdia*, justos e injustos, trigo e joio, crentes e não crentes, todos somos chamados a reconhecer Deus como misericórdia e perdão. Esta é a vitória do bem que respeita a nossa liberdade e nos deixa, com paciência, crescer para termos tempo para O reconhecer.

O povo de Deus será sempre santo e pecador, trigo e joio ao mesmo tempo, até mais pecador do que santo, mas é exatamente para os que precisam que o Senhor veio. É esta a Igreja, este o povo que *Deus tanto amou que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que n'Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna*.

Seg, 24 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Ex 14, 5-18 / Ex 15, 1-6 / Mt 12, 38-42

Esta geração perversa e infiel... (Evang.)

A perversidade dos fariseus era usarem a religião para as suas conveniências, a infidelidade, o terem perdido o contacto

com Deus. Nós também podemos professar a nossa religião perversamente se a usarmos para acalmar uma moral fraca que não fazemos nada para robustecer, porque as nossas orações, em vez de nos invetivarem, nos deixam calmos e contentes connosco próprios. O leitor desconfie de estados muito prolongados de contentamento consigo próprio. Não são normais. Nós não progredimos em linha reta, progredimos com altos e baixos, de maneira que se o seu contentamento vai em linha reta é porque há um desfasamento entre a sua realidade e o seu sentir.

Ter, 25 – S. TIAGO, APÓSTOLO (Festa)

2 Cor 4, 7-15 / Slm 125 (126), 1-2ab.2cd-3.4-5.6 / Mt 20, 20-28
Quem entre vós quiser ser o primeiro seja vosso escravo. (Evang.)

Nós passamos por esta passagem como gato pelas brasas. Nem sequer analisamos o que é que Jesus quereria dizer. Achamos que é mais uma daquelas tão utópica, mas tão utópica, que o melhor é não ligar. O problema é que se Jesus o disse, para alguma coisa foi. Foi para nós amarfanharmos o nosso amor próprio – no mau sentido desta expressão, que ela também pode significar o amor ao próprio – e servirmos o irmão que patetamente achamos que está abaixo de nós. E se conseguimos perceber que consideramos alguém abaixo de nós, já é uma grande coisa!

Qua, 26 – S. JOAQUIM E SANTA ANA (Memória)

Ex 16, 1-5.9-15 / Slm 77 (78), 18-19.23-28 / Mt 13, 1-9
Vieram as aves e comeram-nas. (Evang.)

Cabe-nos criar as condições para que as sementes germinem. O que significaria puxarmos a palavra de Deus para dentro de nós, enterrá-la, regá-la, adubá-la, fazê-la crescer. Pelo convívio com Deus, pela atenção ao que Jesus ensina, pela transformação desses ensinamentos em ações. Assim não sendo, estamos a alimentar voluntariamente as aves de arribação, que são os valores do mundo, com as sementes lançadas por Deus!

Qui, 27 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Ex 19, 1-2.9-11.16-20 / Dan 3, 52-56 / Mt 13, 10-17

O coração deste povo tornou-se duro. (Evang.)

Deus querendo, o nosso coração não está duro, mas também pode não estar saudável. Temos de pedir ao Espírito Santo que trate dele. Temos de pedir a luz do Espírito Santo para os nossos problemas e para as nossas alegrias. O Espírito Santo tem de ser uma espécie de pacemaker, tem de ser a pilha do nosso coração, tem de marcar o passo, o ritmo do nosso coração, tem de o fazer andar mais depressa quando vê um necessitado, tem de lhe dar outro batimento face ao mal. Caro leitor, reze ao Espírito Santo.

Sex, 28 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Ex 20, 1-17 / Slm 18 B (19 B), 8-11 / Mt 13, 18-23

Quando um homem ouve a palavra do Reino e não a compreende, vem o Maligno e arrebatou a que foi semeado no seu coração. (Evang.)

Como é que se pode ter culpa de não perceber uma ideia? É que isso pode acontecer ocasionalmente, mas não percebermos alguém de uma maneira consistente significa que não conhecemos a pessoa. Assim, se não percebemos, consistentemente, o que Deus nos diz, quer dizer que não O conhecemos. Penso que é isto que Jesus quer dizer. (Se me posso arrogar a falar assim.) O leitor peça a graça do conhecimento das coisas de Jesus com o seu coração.

Sáb, 29 – SANTA MARTA (Memória)

1 Jo 4, 7-16 / Slm 33 (34), 2-11 / Jo 11, 19-27 ou Lc 10, 38-42

Este pobre clamou e o Senhor o ouviu, salvou-o de todas as angústias. (Salmo)

Quanto mais nos acolhemos a Deus, mais vemos as nossas angústias desfeitas. Deus, na sua voz suave, no fundo de nós mesmos, vai-nos guiando. Também nos vai guiando através daqueles que nos rodeiam. Claro que a opinião deles tem de passar pelo nosso crivo. Tudo tem de passar pelo nosso crivo, iluminado pelo Espírito Santo. Hoje, peçamos a Deus que nos livre das angústias.

Dom, 30 – DOMINGO XVII DO TEMPO COMUM – Ano A

1 Reis 3, 5.7-12 / Slm 118 (119), 57.72.76-77.127-130 / Rom 8, 28-30 / Mt 13, 44-52

A primeira parábola do Evangelho de hoje mostra-nos um homem que, por mero acaso, encontra um tesouro enterrado num campo. Ele volta a enterrar o tesouro que encontrou e compra todo o terreno. Pode parecer pouco inteligente: porque voltou ele a enterrar o tesouro que encontrara? Não o poderia ter simplesmente guardado? Intui que naquelas terras estariam enterrados outros tesouros e que aquilo que encontrara era uma indicação de tudo o que estaria ainda enterrado. Assim, para não perder nada desse tesouro, decide comprar todo o terreno.

Ora, é bastante simples perceber que o tesouro de que Jesus nos fala é o reino dos Céus, que encontramos como um tesouro escondido na vida que nos é oferecida por Deus. Este é um tesouro que vamos descobrindo ativo e presente; um tesouro que vislumbramos num momento da nossa vida, mas que nunca descobriremos completamente. Este tesouro, tal como acontece na parábola, é descoberto «por acaso», isto é: Deus oferece-nos o seu Reino, em Jesus Cristo, sem nenhum mérito da nossa

parte; o tesouro enterrado não é um prémio pelo trabalho deste homem da parábola, mas pura gratuidade. O reino dos Céus não nos é oferecido como prémio pelo nosso mérito, é gratuito! Isto significa que quem encontra este tesouro na sua vida, quem descobre o tesouro da proposta do Evangelho na sua vida não fica parado: avança em direção ao Senhor, com a certeza de ter descoberto algo de precioso. Quem descobre o tesouro da presença de Deus, aposta tudo nesta *vida nova* que é a *vida em Cristo Jesus*.

Sobre este homem, diz ainda a parábola que «ficou tão contente que foi vender tudo quanto possuía» para comprar o campo. Jesus apresenta-nos quatro breves parábolas, o tesouro escondido, a pérola preciosa, a rede lançada ao mar e o Pai de família que tira «do seu tesouro coisas novas e coisas velhas». As duas primeiras são para que nos decidamos por aquilo que vale a pena e dão-nos imagens sugestivas do valor e da beleza do reino dos Céus, pelo qual vale a pena «vender tudo». São parábolas que nos dizem que temos de nos decidir: não podemos con-

tinuar a querer «sol na eira e chuva no nabal»! O apelo a que nos decidamos pelo Reino vem da alegria, que é a forma para nos decidirmos pelo Evangelho. O amor por Jesus deixa-nos «indiferentes», isto é, livres em relação às coisas para podermos caminhar em direção à felicidade. É a alegria que faz com que este homem deixe tudo para se agarrar ao que realmente importa. Tal como um homem que, quando se casa, não fica triste pelas mulheres com quem até se poderia casar, mas feliz, profundamente feliz, por se unir àquela mulher que es-

colheu e pela qual foi escolhido, quem se decide finalmente por seguir o Reino fá-lo porque «ficou tão contente» que nada o pode afastar do Amor de Deus. Deus dá-nos a *alegria* para que nos possamos decidir por Ele. A tentação fará de tudo para que fiquemos tristes. A tristeza impede-nos de escolher, de decidir pelo melhor e faz com que fiquemos agarrados às nossas dificuldades. A alegria, alegria profunda de quem encontra um tesouro na sua vida, afasta o medo e a desconfiança e convida-nos a escolher o que realmente importa na vida.

Seg, 31 – SANTO INÁCIO DE LOIOLA (Memória)

Ex 32, 15-24.30-34 / Slm 105 (106), 19-23 / Mt 13, 31-35

... torna-se árvore, de modo que as aves do céu vêm abrigar-se nos seus ramos. (Evang.)

Hoje, peçamos ao Senhor abrigo na grande árvore que Ele é. Imaginemos que somos um passarinho que faz o ninho num ramo daquela árvore. Sintamo-nos acolhidos por Deus, sintamos a sua ternura, os seus ramos chamativos, envolventes e protetores. Se o leitor quiser, sente-se no colo de Deus, ponha a sua cabeça no ombro de Deus e deixe-se estar. Hoje é esta a sua oração.